

Será que o telefone só toca de lá para cá?

“Se há algo complicado é o fanatismo, pois faz ver ‘verdades’ e ter ‘certezas’ nas maiores bizarrices...” (WELLINGTON BALBO)

Infelizmente, temos percebido no movimento espírita brasileiro pessoas que fazem de tudo para depreciar o pensamento dos outros. Chegam, muitas vezes, até mesmo a desvirtuar aquilo que foi dito por eles, não sabemos se por falta de capacidade de interpretação, por pura má vontade ou se é de propósito mesmo.



A frase “O telefone só toca de lá para cá” dita por Chico Xavier (1910-2002) (1) que os “doutos de Espiritismo” buscam literalmente compará-la com as orientações feitas por Allan Kardec (1804-1869), visando demonstrar o “erro crasso” do médium.

“O telefone só toca de lá para cá” - Chico Xavier



O LIVRO DOS MÉDIUNS

A fonte dessa imagem não a identificaremos, pois nossa intenção é

apenas a de tentar colocar as coisas nos devidos lugares, retirando as ilações que surgiram por aí. Conseguimos encontrar três fontes, referindo-se a essa frase, que identificamos:

1ª) Em **Luz Bendita** (1977), o autor Rubens Silvio Germinhasi apresenta vários depoimentos a respeito de Chico Xavier, dentre os quais destacamos o de Daisy Andrade Pastor Almeida, que a certa altura disse:

As lições chegam, na conversa amiga, como mensagens diretas a quantos necessitam delas. Outras vezes, em visita ao querido amigo em Uberaba, **encontrei-me com grande número de pais aflitos, desesperados, em busca de notícias dos filhos queridos**, que deixaram a vida, quase todos ainda jovens. Observe-se que nem todos são espíritas. Há casos de pessoas sem crença que foram levadas por amigos e por misericórdia de Deus, recebem suas mensagens e saem banhadas de pranto, consoladas, impressionadas mesmo com a autenticidade dos nomes, dos fatos relatados pelos comunicantes. É a prova da sobrevivência do espírito e de sua comunicação com os encarnados.

Numa dessas ocasiões, **um senhor perguntou ao Chico: “Porque ainda não recebi notícias de minha filha? Já vim aqui várias vezes e ainda não tive essa felicidade...”** O Chico, amável como sempre, **respondeu: “Não depende de mim, meu irmão; o telefone toca de lá para cá e não daqui para lá.”** O senhor agradeceu a resposta e pensativo saiu esperando nova oportunidade. (2) (grifo nosso)

2ª) No livro **Chico Xavier: o Homem e a Obra** (1997), no capítulo “Orientações e opiniões”, de autoria de Antônio Cesar Perri de Carvalho, lemos:

O TELEFONE

Ainda nos tempos de Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, após psicografar algumas mensagens em reunião pública, **uma senhora acercou-se dele e lamentou não ter recebido notícias do ente querido desencarnado.** Chico Xavier respondeu-lhe afetuosamente:

– **“Minha filha, o telefone só toca de lá para cá...”**

Aí está uma questão para ser estudada e meditada com base em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. (3) (grifo nosso)

3ª) Na obra **Por Trás do Véu de Ísis: Uma Investigação Sobre a Comunicação Entre os Vivos e Mortos** (2004), o jornalista Marcel Souto Maior insere o capítulo “O telefone só toca de lá para cá”, do qual destacamos:

A psicografia de mensagens particulares – Chico ensinava aos discípulos – devia ser acompanhada por um sentido de vigilância e disciplina permanentes do

médium, **para evitar enganos provocados pela autossugestão ou pelo desejo de atender às expectativas de pais** destruídos pela perda de filhos – **famílias muitas vezes ávidas por fornecer ao médium o máximo de informações sobre seu drama na esperança de receber, em troca, uma mensagem.**

Chico tomava cuidado para não ser levado a essas parcerias inconscientes e não se tornar “psicógrafo” de redações ditadas ou encomendadas, inconscientemente, pelas famílias em busca de notícias dos entes queridos e de evidências da sobrevivência deles em outro plano.

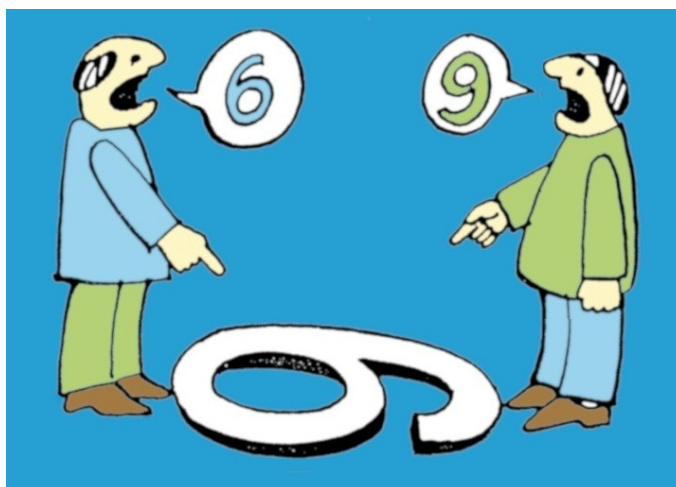
– **O telefone só toca de lá para cá** – Chico repetia sem cessar.

Muitas vezes, o médium abraçava os pais em desespero e chorava junto com eles. [...]. (4) (grifo nosso)

Os espíritas, não todos, mas uma boa parte deles, têm que “O telefone toca só de lá pra cá” foi uma das frases mais anti-Kardec e antidoutrinária que já foi dita e acolhida no MEB, mesmo Allan Kardec tendo ensinado, mostrado e provado o contrário, então, nessa linha de raciocínio de tais pessoas, teríamos: “o telefone toca daqui para lá”.

Marcel Souto Maior, mais preocupado com a investigação do fenômeno, quanto à sua autenticidade, viu na frase uma maneira de Chico Xavier evitar que as informações passadas pelos pais não fossem espelhadas nas mensagens por autossugestão. Com isso, demonstra ter mais lucidez que muitos espíritas.

Será que está imagem (5) representaria bem essa situação?



Moral da história: cada um vê com a “cor” de seu interesse.

Mas, o que será que Chico Xavier quis dizer com a frase? Para sermos

justos, temos que analisar o seu teor dentro do contexto do trabalho mediúnico de Chico Xavier. Sabemos que pessoas de todas as religiões o procuravam em busca de uma mensagem de um ente querido já desencarnado, as tais “cartas consoladoras”.

Muitas das pessoas que se dirigiam ao médium querendo saber porque ainda não haviam recebido nenhuma carta, supondo ser ele o responsável pelo resultado. Aí, considerando o público, quase todo de não-espíritas, usou a frase “o telefone só toca de lá para cá”, ou seja, não cabia a ele, como médium, evocar nenhum Espírito – eles se apresentavam segundo uma programação espiritual, possivelmente, de Emmanuel, sobre a qual não tinha nenhum controle.

Ademais, nenhum médium tem poder para forçar um determinado Espírito a se manifestar, caso ele não queira ou não possa, bem como por desígnios superiores que o impeça.

Vejamos, por oportuno, as seguintes considerações do Codificador:

1ª) **Revista Espírita 1859**

Em seu discurso de encerramento do ano social 1858-1859, publicado no mês de julho, Allan Kardec, deixa bem claro que:

[...] Com efeito, sabeis, pela experiência, que **não basta chamar ao acaso o Espírito de tal ou tal pessoa; os Espíritos não vêm, assim, ao sabor de nosso capricho** e não respondem a tudo aquilo que a fantasia nos leva a perguntar-lhes. [...]. (6) (grifo nosso)

2ª) **O Que é o Espiritismo**

Do cap. II – Noções elementares de Espiritismo destacamos, respectivamente, o item 42 do tópico “Comunicação com o mundo invisível” e o item 59 do tópico “Dos médiuns”:

42. Outro ponto igualmente essencial a considerar é que **os Espíritos são livres e só se comunicam quando querem, com quem lhes convém e quando as suas ocupações lho permitem; não estão às ordens e à mercê dos caprichos de quem quer que seja; a ninguém é dado fazê-los manifestar-se quando não o queiram, nem dizer o que desejam calar**; de sorte que ninguém pode afirmar que tal Espírito há de responder ao apelo em dado momento, ou que há de responder a tal ou tal pergunta que se lhe dirigir. Asseverar o contrário é demonstrar

ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. *Só o charlatanismo tem princípios infalíveis.* (7) (itálico do original, negrito nosso)

59. O médium não tem mais que a faculdade de se poder comunicar, **mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos**. Se estes não quiserem manifestar-se, aquele nada obterá; será qual instrumento sem músico que o toque.

Visto que os Espíritos só se comunicam quando querem ou podem, não estão sujeitos ao capricho de ninguém; nenhum médium tem o poder de forçá-los a se apresentarem. Isto explica a intermitência da faculdade nos melhores médiuns, e as interrupções que sofrem, às vezes, durante muitos meses. Seria, pois, um erro comparar a mediunidade a uma propriedade do talento. O talento adquire-se pelo trabalho, quem o possui é sempre dele senhor; ao passo que o médium nunca o é de sua faculdade, pois que ela depende de vontade estranha. (8) (itálico do original, negrito nosso)

3ª) **Revista Espírita 1863**

Do artigo “Ainda uma Palavra sobre os Espectros Artificiais e ao Sr. Oscar Comettant”, publicado em agosto, destacamos:

[...] O Espiritismo nos ensina ainda que **os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem que pretendesse tê-los à sua disposição e governá-los à vontade**, pode, com razão passar por um ignorante ou um charlatão; que é ilógico, assim como irreverente, admitir que os Espíritos sérios estejam ao capricho do primeiro que chegue, que pretenda evocá-los, a toda hora e a tanto por sessão, para fazê-los desempenhar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado a ideia de que a alma do ser que se chora venha ao preço de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que **os Espíritos não se comunicam facilmente, nem de boa vontade, por certos médiuns**; que entre estes últimos os há absolutamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação de fluidos. Pode, pois, entre o Espírito e o médium, haver atração ou repulsão, conforme o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as similitudes morais e a afeição. [...]. (9) (grifo nosso)

4ª) **Revista Espírita 1864**

Do artigo “O Sr. Home em Roma”, publicado em fevereiro:

[...] Aliás, ele também sabe que **os Espíritos não estão às ordens nem aos caprichos de ninguém** e, menos ainda, de quem quer que queira *exibir* seus atos e gestos a tanto por sessão. **Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num instante dado**, donde é necessário concluir que a pretensão contrária é a prova de uma ignorância absoluta dos princípios mais elementares da ciência; e então toda suposição é permitida,

porque, se os Espíritos não responderem ao chamado, ou não fazem coisas muito espantosas para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é preciso mioto encontrar meio de dá-los aos espectadores por seu dinheiro, se não se quiser restituí-lo. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

5ª) **O Céu e o Inferno**

Da Segunda Parte, cap. V – Suicidas, caso “Um ateu”, transcrevemos os seguinte trecho da correspondência de Allan Kardec:

[...] Todavia, um conhecimento mais aprofundado vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, **solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos ao nosso bel-prazer. Eles nos respondem como e quando querem, e também como podem.** Sua liberdade de ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de escaparem ao constrangimento moral que por acaso queiramos exercer sobre eles. [...].

[...].

“Duas palavras ainda, senhor, quanto ao pedido que me fizestes de promover essa evocação no mesmo dia do recebimento de vossa carta. **As evocações não se fazem assim de improviso e a toque de caixa. Os Espíritos nem sempre correspondem ao nosso apelo; é preciso que queiram e, também, que possam fazê-lo.** É preciso ainda que encontrem um médium que lhes convenha, com as aptidões especiais necessárias e que esse médium esteja disponível em dado momento. É preciso, enfim, que o meio lhes seja simpático etc. São circunstâncias que nem sempre podem ser satisfeitas, importando muito conhecê-las quando se quer fazer a coisa com seriedade.” ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

6ª) **Revista Espírita 1865**

Do artigo “Os irmãos Davenport”, publicado em outubro:

A mediunidade é uma aptidão natural inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas, assim como se precisa de um músico para que um instrumento toque uma ária, necessita-se de Espíritos para que um médium produza efeitos mediúnicos. **Os Espíritos vêm quando querem e quando podem, donde resulta que o médium mais bem dotado por vezes nada obtém;** é como um instrumento sem músico. **É o que se vê todos os dias; é o que acontecia ao Sr. Home,** que muitas vezes ficava meses inteiros sem nada produzir, a despeito de seu desejo, ainda que em presença de um soberano. ⁽¹²⁾ (grifo nosso)

7ª) **Revista Espírita 1869**

Do artigo “Processo das Envenenadoras de Marseille”, publicado em

janeiro, ressaltamos:

[...] **os Espíritos são livres**, mais livres do que quando estavam encarnados, e que **pretender submetê-los aos nossos caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar a nosso bel-prazer, para o nosso divertimento ou o nosso interesse, é uma ideia quimérica; que vêm quando querem, da maneira que querem e a quem lhes convém**; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é nossa instrução e nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida, que podemos fazer ou encontrar por nós mesmos e, ainda menos, servir à cupidez; enfim, que em razão de sua própria natureza e do respeito que se deve às almas dos que viveram, é tão irracional quanto imoral manter escritório aberto para consulta ou exibição de Espíritos. **Ignorar estas coisas é ignorar o abecê do Espiritismo**; [...]. (13) (grifo nosso)

Acreditamos que tenha ficado bem claro que o “controle” das manifestações cabe aos Espíritos, que não estão sujeitos à imposição de encarnados.

O caro amigo Alexandre Fontes Fonseca, nos lembra o item 273 de **[Livro dos Médiuns](#)**, Segunda Parte, cap. XXV – Evocações, no qual lemos:

273. **Geralmente, os médiuns são muito mais procurados para as evocações de interesse particular** do que para comunicações de interesse geral. **Isto se explica pelo desejo muito natural que todos têm de conversar com os entes que lhes são caros**. A propósito, julgamos por bem fazer algumas recomendações importantes aos médiuns. Primeiramente que **não atendam a esse desejo, senão com muita reserva**, caso se trate de pessoas de cuja sinceridade eles não estejam completamente seguros, e que se acautelem contra as armadilhas que pessoas malfazejas lhes possam preparar. Em segundo lugar, que não se prestem a tais evocações sob nenhum pretexto, se só perceberem motivo de curiosidade ou de interesse, e não uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa, ou que saia do âmbito das que racionalmente se podem dirigir aos Espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, precisão e sem ideia preconcebida, a fim de se obterem respostas categóricas. É preciso que se repilam todas as que tenham caráter insidioso, pois é sabido que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo experimentá-los. Insistir em questões dessa natureza é querer ser enganado. O evocador deve tocar franca e abertamente o ponto visado, sem subterfúgios e sem rodeios inúteis. Se tiver receio de explicar-se, será melhor que se abstenha. (14) (grifo nosso)

Essa justíssima orientação de Allan Kardec se referia às reuniões em que ocorriam manifestações de Espíritos de uma forma geral. Não entendemos como ser aplicada às que o médium Chico Xavier dedicava ao recebimento de “cartas consoladoras”, pois, nesse caso, as manifestações estavam sob

controle de Emmanuel.

Assim, entendemos, que o teor da frase não deve ser tomado ao pé da letra, no sentido de entender que ele seja contrário à possibilidade de evocar-se os Espíritos. Se assim fosse, realmente, ele contradiz o que está em *O Livro dos Médiuns*, porém, acreditamos que não é esse o sentido que Chico Xavier a empregava.

Como dissemos, as milhares de pessoas que batiam à sua porta querendo se comunicar com parentes ou amigos era para quem Chico Xavier dizia isso, ou seja, apenas estava explicando que as mensagens não estavam sob a vontade dele. Dessa forma de nada adiantava querer se comunicar com Espírito A, B ou C, pois eles se manifestavam conforme a permissão dos Espíritos “tutores”, uma vez que nem todo desencarnado está em plena condição de passar alguma mensagem. Inclusive, várias mensagens recebidas pelo médium foram transmitidas por um preposto e não pelo próprio parente desencarnado. Simples, assim, sem nenhuma complicação.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

jul/2023.

Revisão: Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Referências bibliográficas:

CARVALHO, A. C. P. *Chico Xavier: o homem e a obra*. São Paulo: Edições USE, 1997.

GERMINHASI, R. S. *Luz Bendita*. São Paulo: Ideal, 1992.

KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras (SP): IDE, 2001.

MAIOR, M. S. *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre os vivos e mortos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

CLOUD COACHING, *Ponto de vista*, disponível em:

<https://cdn.cloudcoaching.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ponto-de-vista-1200x628-1-1200x1200.png.webp>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SUPERINTERESSANTE, *Chico Xavier*, disponível em:

https://super.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/09/super_imgchico_xavier.jpg?quality=70&strip=info&w=1024&crop=1. Acesso em: 14 jan. 2024.

Notas:

(1) SUPERINTERESSANTE, *Chico Xavier*, disponível em: https://super.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/09/super_imgchico_xavier.jpg?quality=70&strip=info&w=1024&crop=1

(2) GERMINHASI, *Luz Bendita*, 78-79.

(3) CARVALHO, *Chico Xavier: o homem e a obra*, p. 67.

(4) MAIOR, *Por Trás do Véu de Ísis: Uma Investigação Sobre a Comunicação Entre os Vivos e Mortos*, p. 32.

(5) CLOUD COACHING, *Ponto de vista*, disponível em:

<https://cdn.cloudcoaching.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ponto-de-vista-1200x628-1-1200x1200.png.webp>

(6) KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 175.

(7) KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 165.

(8) KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 171-172.

(9) KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 247-248.

(10) KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 34-35.

(11) KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 280-281.

(12) KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 315.

(13) KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 17.

(14) KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 297-298.